

O NACIONALISMO NA CHINA: MOMENTOS CRÍTICOS (1860 - 1911)*

Maria da Graça de Campos Mendes
Departamento de Línguas Orientais – USP

Inicialmente poderíamos propor uma questão que suscita debates até hoje entre especialistas chineses e não chineses: até que ponto as lutas camponesas na China marcam o modelo chinês de construção do socialismo?

A pergunta nos levaria a considerar a natureza destas lutas nacionais, a existência de uma consciência social capaz de organizar e efetivar a conquista da independência constantemente preconizada pelos grupos rebeldes.

Consideramos as revoltas camponesas clássicas uma herança importante para as gerações da idade moderna, no entanto, os fundamentos e princípios que moveram o povo chinês nas suas lutas desde a unificação do império transformam-se radicalmente com a invasão ocidental e as crises sócio-econômicas por que passou o império manchú a partir de meados do século XIX. Não observamos uma linha de continuidade nestes movimentos nacionalistas emergentes após a primeira guerra do ópio, em 1840. Notamos uma alternância de lutas, ora de uma vertente popular, ora de uma vertente aristocrática. Estes movimentos alternam-se e, como diz Roger Garaudy “Através dessas lutas da segunda metade do século XIX, o movimento nacional purificava-se”.¹

É importante ressaltar que embora ainda de forma embrionária, as idéias nacionalistas estão presentes de forma mais efetiva no movimento camponês chamado Movimento dos Taiping, ocorrido na China entre 1851-1864. Esta revolta pode ser considerada um marco na História da China, um elo entre o antigo e o novo, entre o tradicional e o moderno.

Isto porque, as revoltas camponesas caracterizavam-se principalmente pela oposição ao regime manchú, reivindicando a derrubada deste governo estrangeiro e sua substituição pelos legítimos representantes dos chineses, a dinastia Ming, deposta em 1644 pelos

(*) Comunicação apresentada no II Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiático – USP.

usurpadores manchus. Este caráter de volta ao passado era comum a todas as revoltas camponesas ocorridas antes, durante e depois mesmo da revolta dos Taiping. O primeiro ponto que os distingue é exatamente o fato de que estes revoltosos tiveram como movente a ideologia cristã protestante recebida do ocidente e reelaborada à luz das tradições chinesas, resultando numa heterodoxia que apelava para a fraternidade, a justiça e a igualdade. Instauraram seu quartel general em Nanquim, em 1851 e proclamaram uma lei agrária que exigia o confisco da terra aos grandes proprietários e a garantia aos agricultores da terra para sua sobrevivência. No que toca à educação, os taiping propunham a erradicação do analfabetismo; e exigência de que todas as leis fossem feitas em língua popular; a transformação do sistema de exames estatais; a igualdade de direitos à mulher; (proibida a amarração dos pés). Com relação a parte comercial e tecnológica, o governo de Nanquim propunha a remoção dos obstáculos tecnocráticos que impedia o desenvolvimento do comércio e das manufaturas. Incluíam no seu programa (Hung Rengan “Novos textos para auxiliar o governo”) para o desenvolvimento do país, a construção de uma estrada de ferro, de fábricas, de explorações mineiras, de bancos, e o encorajamento de estudos técnicos e científicos. Era através deste programa que os Taiping pretendiam romper com a estrutura carcomida do mundo tradicional chinês, representado pelos grandes proprietários, o conjunto dos funcionários e notáveis que procuravam manter a integridade do sistema imperial.

A guerra civil instaurada na China pelos Taiping, e outras revoltas contemporâneas (Mieu, Minorias) abalaram profundamente a estrutura do governo manchú que não foi capaz de enfrentar os sublevados com seu desordenado exército oficial. Foi somente através das milícias montadas pelos notáveis proprietários e com a ajuda de contingentes estrangeiros, que em 1864 o poder de Nanquim foi deposto, pondo fim aos 14 anos do domínio rebelde dos Taiping.

A vitória sobre os Taiping fez nascer novas forças e uma nova camada política cuja influência foi preponderante entre a tomada de Nanquim, em 1864, e a derrota chinesa face ao Japão (1894/95). Assiste-se a criação de um poder regional dos notáveis proprietários respaldados pelas milícias, gozando de certa independência do governo central. Assim, Zeng Kevofan, Tsou Tsun Tang, Li Hung Chang ascendem ao poder e encetam a chamada política de auto-fortalecimento da China. Preconizavam a necessidade de modernização do país através da sua renovação no campo militar, adotando a técnica dos ocidentais para em contra-partida enfrentá-los em igualdade de condições. Defendendo os valores, a moral, enfim, o modelo tradicional chinês, estes partidários da reconstrução na 1ª fase — Taiping pretendiam inserir todo o aparato militar ocidental no contexto que não deveria ser transformado. A tentativa de reconstrução do país é

empreendida não só no âmbito da criação de indústrias navais e bélicas como também no tocante à educação, com o estabelecimento de escolas (1862) que visavam a aprendizagem de línguas estrangeiras e a formação de tradutores. Em 1872 o primeiro contingente de estudantes foi enviado aos EUA.

Todas estas medidas envolviam um controle cada vez mais estreito do ocidente nos negócios chineses. Desde o sistema alfandegário, passando pela indústria nascente, os ocidentais, em comum acordo com a classe dominante, tornam-se parte integrante do governo chinês.

Após a década de 70, cresce o número de trabalhadores das indústrias, das zonas portuárias e fortalece-se um contingente burguês representado pelos compradores, nova força que atuará na esfera das reivindicações para o desenvolvimento do país.

Surgirão assim novas vozes requestando mudanças mais profundas. A China das décadas de 80 e 90 depara-se com dois grandes fracassos: a derrota diante da França (1884 - 1885) e do Japão (1894 - 1895). E estas perdas levaram o descrédito a política superficial de reconstrução desenvolvida a partir dos anos 60. Vislumbrou-se a necessidade de reestruturação das instituições chinesas.

Não obstante existir uma consciência clara da necessidade de alterações, estes novos pensadores, os mais radicais da época, não intentavam uma transformação essencial da sociedade. Como nos mostra Enrica Callotti Pischel em sua *História da Revolução Chinesa*, "eles próprios estavam inseridos no ambiente e na mentalidade da classe dirigente, a que pertenciam por cultura e origem". Diferenciavam-se fundamentalmente do grupo anterior dos conservadores, partidários da reconstrução, por não manterem compromissos políticos e econômicos com o estrangeiro. Receberam apoio dos capitalistas chineses e da nascente burguesia.

Esta corrente chamada reformista burguesa teve como principais representantes, Kan Youwei e Liang Qichao. Este grupo de intelectuais exigia a transformação da monarquia autocrática em monarquia constitucional.

Definir os fundamentos teóricos de Kan Youwei constitui uma tarefa difícil no presente momento, no entanto, podemos ressaltar que Kan vai buscar na tradição confuciana fundamentos para sua argumentação. (Acusa os representantes das últimas dinastias de alterarem o pensamento do "mestre". Segundo ele, o pensamento de Confúcio foi alterado por um bibliotecário, Liu Xin, que viveu nos últimos anos dos primeiros Han), integrando à sua teoria a concepção do evolucionismo ocidental.

Em junho de 1898 o imperador Guang Xu demonstrou-se partidário das reformas políticas propostas por Kan Youwei. Os

reformistas burgueses conseguem, a despeito da oposição da ala dos conservadores, realizar a chamada "reforma dos 100 dias", (junho a setembro) durante a qual lhe foram outorgados cargos no Conselho Privado. Determinaram medidas econômicas como a criação de novos órgãos para proteger e desenvolver a indústria, agricultura, estradas de ferro e as minas do país. A modificação no sistema de exames imperiais; criação de novas escolas; ampliação do sistema de ensino europeu; estabeleceram a liberdade para publicação de periódicos e revistas e para criação de sociedades.

Nenhuma medida concernente ao estabelecimento do parlamento ou de uma nova constituição foi mencionada nestes decretos, não se realizando portanto mudanças essenciais no plano do Poder. Somente foram tomadas medidas favoráveis no desenvolvimento do capitalismo nacional.

A luta entre reformistas e conservadores acirrava-se apoiada por Aixi a imperatriz e Yuan Xi Kai, homem de confiança desta ala na corte. É importante notar que as potências estrangeiras também tomaram partido nesta contenda. A Rússia apoiava a ala conservadora encabeçada pela imperatriz, enquanto EUA, Inglaterra e Japão apoiavam o imperador e os reformistas.

Este movimento liderado pelos reformistas burgueses apesar de conter em seu bojo elementos progressistas, opunha-se a uma revolução que produzisse profundas mudanças no âmbito social, e, por isso mesmo, utilizavam suas idéias no sentido de contrapor-se às iniciativas populares de revolução na época, defendendo a imposição de suas idéias de cima para baixo, e, só assim a China poderia converter-se num país capitalista poderoso.

Esta idéia de adotar o capitalismo ocidental como antídoto à própria agressão imperialista não vingou, e os reformistas, afastados do povo e destituídos do apoio da corte, do exército e da alta administração, foram banidos ao exílio ou sumariamente executados. As medidas reformistas adotadas foram suprimidas em sua maioria. Exilados no Japão, os reformistas continuam a atuar e serão os ferrenhos opositores à nova corrente revolucionária burguesa liderada por Sun Yat-sen, o fundador da República em 1911.

O que se discutia então no seio do movimento revolucionário era a validade do princípio monárquico, a base mesma dos princípios políticos e ideológicos do milenar império chinês.

Na sua maior parte, este movimento pró-república era composto por membros da nova intelectualidade, do "novo exército" e de representantes das profissões liberais. Vendo como viável sua influência sobre os levantes populares, incluíram no seu programa político, questões

agrárias e buscaram também cooperar no plano político e militar com as sociedades secretas.

Representante da nova intelectualidade chinesa, Sun Yat-sen viveu durante anos no Havaí, recebendo formação missionária protestante. Estudou medicina em Hong Kong onde começou a atuar na política.

Em 1892 fundou a Sociedade para o Ressurgimento da China que em 1895 tentou liderar uma insurreição logo fracassada.

Sun e os seus companheiros intelectuais convertidos ao protestantismo proclamavam a ruptura com o passado, o ódio à dinastia manchú inspirados no mito do progresso técnico. O interesse dominante de Sun continuava a ser, como tantos outros conservadores e reformistas, a tecnologia nos seus vários aspectos e sobretudo nos militares.

Em 1905 a vanguarda da juventude revolucionária funde-se numa nova união a Tung Meng hui — Aliança Revolucionária com sede em Tóquio tendo Sun Yat-sen como chefe. Através do “Jornal do Povo” **Min pao**, a aliança fez conhecer o seu programa e publica o seu “Manifesto” formulando pela 1ª vez “os três princípios do povo”:

- Independência do povo
- Soberania do povo
- Bem estar do povo

Sintetizavam em slogan o ideal democrático-republicano elaborado por Sun Yat-sen. O manifesto punha em relevo que a transformação se faria através da luta armada por iniciativa da vanguarda revolucionária.

A liga dirigiu uma série de revoltas armadas em 1906, 1907, 1908 até culminar no levantamento de 1911 em Guangzhou, e posteriormente Wuchang que suscitou uma onda revolucionária em escala nacional.

Mas a extinção do estado dinástico foi encabeçado pelas novas elites que tinham surgido durante a última metade do século XIX no reinado dos Qing. De fato foram as próprias reformas militares, políticas, económicas e educacionais após 1901 que apressaram o processo de conscientização política das elites e a própria queda da dinastia. A atuação de revolucionários como Sun Yat-sen integra este processo onde revolucionários e reformistas lutavam para impor suas idéias.

Os que possuíam a força das armas, conseguem a supremacia em 1912, quando Sun Yat-sen eleito presidente da República, oferece seu posto a Yuan Shu Kai, homem que dispunha de um exército bem treinado e bem equipado, representante da classe dos proprietários de terra e intermediário dos imperialistas. O movimento que culminou na

proclamação da república foi resultado de uma coalisão entre revolucionários, constitucionalistas e velhos burocratas.

Após a instauração da República, a sociedade fundada por Sun Yat-sen e seus companheiros foi transformada em Partido Político aberto. O Knomintong (Partido Nacional do Povo). Conseguiu pouco progresso através da política parlamentar, no entanto, o posterior sucesso da revolução russa e as ofertas de ajuda das sociedades induziram-no, em 1923, a reconhecer o Knomintong ao longo das linhas organizacionais comunistas e entrar num período de colaboração com os soviets e o recém-fundado Partido Comunista chinês.

Reorganizado o Knomintong com a ajuda dos soviets, (1923) Sun Yat-sen iniciou a reformulação dos 3 princípios do povo elaborados em 1905, modificando-os de acordo com suas experiências posteriores e as circunstâncias do momento frente às quais ele tentava articular a unificação política e militar do país.

Os eventos após 1911 provaram que o seu nacionalismo anti-manchu não era suficiente, a China sob o jugo estrangeiro permanecia fraca e desunida. O novo objetivo da indignação nacional passa a ser então o imperialismo econômico estrangeiro.

Representante da vanguarda do nacionalismo do ocidente em épocas anteriores, Sun encontra-se agora numa ação de retaguarda, em defesa inclusive da tradição chinesa, causa a que nunca servira antes.

Na leitura do "três princípios do povo" reformulados percebe-se a preocupação de Sun Yat-sen com o retorno às tradições diante do perigo da adoção indiscriminada de valores e de ideologias ocidentais. Desenvolve sua crítica não só contra o imperialismo ocidental, mas também contra o marxismo e o seu método.

Na China, a luta pela libertação continuaria ainda por muitos anos. As idéias nacionalistas permaneceram como uma importante saída para a nação chinesa e foram mais efetivamente exploradas por aqueles que Sun Yat-sen condenou pelo seu internacionalismo: os comunistas.

NOTA

(1) **O Problema chinês.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968, p. 53.

BIBLIOGRAFIA

BING, Li Ung — **Outlines of Chinese History.** Taipei, Ch'eng Wen Publishing Company, 1967.

- CHESNEAUX, Juan — **A Ásia Oriental nos Séculos XIX e XX**. São Paulo, Livraria Pioneira, 1976.
- _____ **Le Mouvement Paysan Chinois, 1840-1949**. Paris, Editions du Seuil, 1976.
- CHESNEAUX, Juan e M. Bastide — **Des guerres de l'opium à la guerre Franco-Chinoise (1850-1855)**. Paris, Hatier Université (Collection d'Histoire Contemporaine, La Chine 1), 1969.
- GARAUDY, Roger — **O problema chinês**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968.
- MOORE Jr., Barrington — **As origens sociais da ditadura e da democracia**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- PISCHEL, Enrica Collotti — **História da Revolução Chinesa**. Lisboa, Public. Europa-América, 1976.
- REN, You Wen — **The Taiping Revolutionary Movement**. Taiwan, Rainbow Bridge Book Co., 1973.
- SCHURMANN, Franz e Schell, Orville — **Imperial China. The decline of the last Dynasty and the origins of Modern China The 18th and 19th centuries**. New York, Vintage Books Editions, 1967.